



# Jornal ATuAção

Informação, vanguarda e inquietude cultural.

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - Ano I - Ed. 01 - Março de 2001 "Olhos novos para ver mais longe" - Nietzsche

## Editorial:

Como em todo processo de modernização e atualização da sociedade, cabe à educação cada vez mais assumir o dever de preparar recursos humanos competentes a fim de que o desenvolvimento aconteça de maneira harmônica e sustentável.

Cabe à educação da atualidade criar uma reflexão constante, de modo a promover um ensino que atenda não só as exigências sociais e profissionais voltadas para o mercado de trabalho, mas, também, para a cidadania. O CES/JF, situado entre as melhores instituições de ensino do país, vem dando a sua parcela de contribuição em todo este contexto.

Em sintonia com este processo de reflexão permanente, surge o Jornal *AtuAção* como agente de contribuição para ventilação de idéias, ensaios e abertura cultural para o pensamento acadêmico.

A publicação também irá funcionar como um canal permanente para articulação do pensamento científico e inovador dos graduandos das diversas áreas de formação.

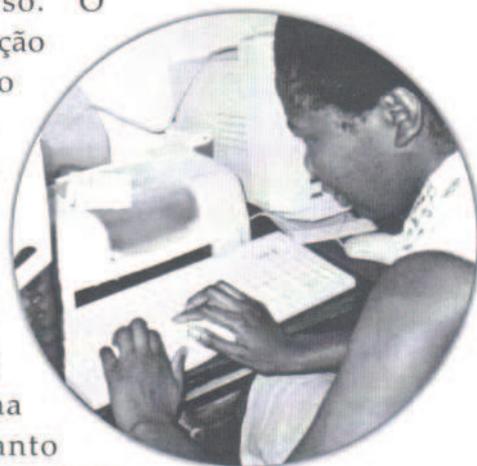
Neste intuito, e acreditando na criticidade e na participação de todos os alunos, o jornal se coloca como veículo democrático para as mais diversas colaborações.

Redação

## SOLIDARIEDADE DE ALUNOS AJUDA DEFICIENTE

Os Discentes do Curso de Estudos Sociais do CES realizaram uma campanha de arrecadação de fundos para a compra de um computador para uma aluna deficiente visual do mesmo Curso. O movimento teve a participação da maioria, com resultado satisfatório. Foram arrecadados R\$ 1.799,15. Com este recurso, adquiriu-se um equipamento de computador, uma impressora e um scanner, custo de R\$ 1.750,00.

O trabalho conjunto dos alunos envolvidos na campanha prova o quanto pequenas ações são capazes de trazer benefícios incalculáveis para quem precisa. No Brasil, estimam-se cerca de 700 mil deficientes visuais. Muitos destes sequer estudam.



## BENEFÍCIOS PARA A ALUNA

Apesar da limitação física, resultado de uma cirurgia mal-sucedida aos 13 anos de idade, Regina Célia nunca mediu esforços para realizar seus estudos. Tudo sempre foi feito com muita dificuldade. Os textos distribuídos pelos professores, os trabalhos, o acesso a literaturas são apenas alguns dos desafios enfrentados no dia a dia.

Com o equipamento em casa, Regina poderá desfrutar das vantagens da informática. Livros e textos, por exemplo, podem ser copiados para disquetes e impressos em braile. O acesso à internet também é possível. Com o tempo e o domínio da máquina, os benefícios aumentam. Atualmente, existem programas específicos para deficientes visuais. Junto com o equipamento doado foi instalado o programa chamado *Virtual Vision*, cedido pelo Bradesco.

## É Tempo de Humanizar a Educação

Para nós, o conceito de "Ensino laico, gratuito, desde o nível primário até o ciclo secundário completo e a igualdade para o acesso ao nível superior da educação", constitui um direito indiscutível que deve ser assegurado pelo Estado para TODOS os habitantes do solo brasileiro.

Mas na atual conjuntura social de crescente deterioração e desumanização da educação não se formula nada mais a respeito do enunciado acima. Torna-se imprescindível fundamentar e redefinir os conceitos básicos da educação e descrever com clareza os passos a serem executados para se conseguir os objetivos que se propõem.

Os atuais sistemas educacionais baseiam-se em concepções de um ser humano passivo, mero receptor de informação ou simples reflexo de "condições" que o determina mecanicamente. Deste modo, "educador" e "educando", professor e aluno, devem remeter-se a aplicarem planos e programas que têm sido desenhados por funcionários úteis a uma ordem e a um poder político e econômico estabelecido. Baseados em uma concepção "mercantilista" e "elitista" da educação, foram gerando um sistema educacional perverso cujas conseqüências mais visíveis são: deterioro absoluto da escola pública; degradação pessoal e social dos docentes; desorientação vocacional e perda do sentido que dignifica o trabalho de aprendizagem e de docência.

É tempo de transformar e construir um novo sistema educacional baseado no conceito de um ser humano ATIVO, HISTÓRICO E SOCIAL, cujo sentido e trabalho fundamental é TRANSFORMAR o mundo e transformar-se a si mesmo, em função de ir construindo uma sociedade mais justa, solidária e não violenta.

Um novo modelo educacional que complete a formação integral (social e pessoal) do ser humano.

É tempo de humanizar! É tempo de transformar! Transformar para fazer história.

*Simone Soares - Aluna do 6º período de História.*

## Progresso! você tem sede de quê?

Mais de 70% de nosso planeta é coberto de água, porém somente algo em torno de 2,8% é água doce, sendo que, desta quantidade, 1,8% está estocada sob a forma de neve ou gelo. O restante é água subterrânea (0,9%), atmosférica (0,0001%), e rios, lagos e lagoas (0,0092%).

Dessa ínfima quantidade disponível, 69% é usada na agricultura, 21% nas indústrias, 6% nas cidades e 4% se perdem nos reservatórios.

A água, até recentemente, era tida como um recurso inesgotável, o que não é verdade. Trata-se, pois, de um recurso renovável. Todavia, o tempo necessário à renovação não é compatível com a velocidade em que se desenvolveu o mundo no século XX. Para se ter uma idéia, o consumo mundial de água empregada pela agricultura se multiplicou por dez no século passado (XX).

O desmatamento e o crescimento urbano e industrial vêm alterando o ciclo hidrológico. A água no século XXI, muito provavelmente, será motivo de conflito entre países, em especial da África e Oriente Médio.

Diante deste quadro a União Européia regulamentou o compartilhamento dos recursos hídricos entre os países membros (lembramos que alguns rios atravessam vários países), o que torna essa iniciativa um exemplo a ser seguido por outros países.

O Brasil, mesmo sendo privilegiado no que tange à água, corre sérios riscos, seja geopoliticamente, seja pela degradação e exaustão dos recursos.

É preciso educar para economizar e preservar a água. A nós, futuros professores, essa responsabilidade tem mais peso, haja visto que cuidaremos da formação de quem governará e tomará decisões importantes no futuro.

Antes que seja tarde, torna-se essencial mostrarmos a todos que a abundância de hoje pode ter revés amanhã.

### Água: até quando?

*Carlos Magno A. Araujo - Aluno do 5º Período de Estudos Sociais: Geografia*

	<b>COLÉGIO</b> Av. Barão do Rio Branco, 3480 Alto dos Passos - Juiz de Fora - MG
	<b>CURSO</b> Rua São João, 357 - Centro Cep. 36.010-180 E-mail: saudejff@powerline.com.br home page: www.saudevestibulares.com.br
<b>Telefone:</b> <b>(32) 3218-3100</b>	

## “Que país é este?”

O Brasil é um país poliétnico que convive em paz relativa com o vírus da desigualdade e da exclusão. O país pouco tem se incomodado com o avançado estado degenerativo de seu tecido social. Aqui, naturalmente, são aceitas situações nas quais 1% da população tem renda acima de 50 salários mínimos. Os demais estratos vêm empobrecendo de maneira constante e gradativa. A pirâmide social brasileira é clara no cume e escura na base.

As altas taxas de juros atraem o capital estrangeiro para o país, mas, ao mesmo tempo, elas contribuem também para diminuir os investimentos nos setores produtivos, afetando drasticamente o nível de emprego. O desemprego, a cada dia que passa, torna-se cada vez mais alarmante, atingindo especialmente os trabalhadores mais pobres e menos qualificados. Sem contar com os miseráveis que estão aumentando a cada dia. Pessoas que não têm absolutamente nada e que jogam na vida a sua maior riqueza, os filhos, por um prato de comida.

**“A pirâmide social brasileira é clara no cume e escura na base.”**

No projeto de pesquisa, realizado no segundo semestre de 2000 do Vale do Jequitinhonha, um grupo de 50 pessoas formado por professores e alunos observam barbaridades com a vida humana, como por exemplo a prostituição infantil que pode ser feita a 1,99. Neste projeto podemos observar a verdadeira cara do Brasil, sem maquiagem.

Colhemos ainda muitos dados e informações sócio-econômicas da região. Claro que não seremos tão sonhadores de querer resolver este problema, mas algo podemos e temos condições de fazer: DENUNCIAR, já que é obrigação de nossos governantes solucionar estes problemas.

Através da Semana de História e Geografia iremos levar ao conhecimento de nossa sociedade o que vimos e o que está acontecendo no resto do Brasil. Iremos mostrar para Juiz de Fora e região a prova que somos capazes de organizar um evento que possa mobilizar os interessados pelos problemas brasileiros. Queremos mostrar que o Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora faz parte de uma instituição religiosa que não está apenas preocupada com os seus próprios problemas, mas, também, pelos problemas brasileiros. Até podemos estar preocupados atualmente, mas não estamos demonstrando.

O tema de nossa semana será “QUE PAÍS É ESTE?”. Teremos na abertura uma palestra com o mesmo tema da semana para darmos uma visão geral do Brasil atual. No segundo dia, iremos promover uma mesa redonda entre um historiador, um geógrafo e um cientista político, a fim de analisarmos as Minas Gerais entre o passado e o presente. No terceiro e quarto dia serão realizados três mini-cursos: no primeiro, iremos abordar a educação em Juiz de Fora; no segundo, será discutida a questão ambiental em Juiz de Fora; e, finalmente, no terceiro, teremos como tema os imigrantes e escravos, a formação das gentes em Juiz de Fora. No último dia de nossa semana iremos inovar: serão apresentadas a todos as produções do CES/JF; entre elas, nossos relatos históricos, geográficos e sócio-econômicos dos projetos de pesquisa de campo realizados no ano 2000 (o primeiro para a Serra da Canastra e o segundo para o Vale do Jequitinhonha). Iremos contar com a participação dos professores e alunos que estiveram nestes projetos. Além disso, será aberto um espaço para os alunos e professores que tenham algum projeto a apresentar.

Teremos como principal finalidade em nossa semana o despertar de todos para estes problemas que tanto nos assolam e que, a cada dia, estão mais perto de nós.

Por isso, não deixe de participar da semana. A sua presença é fundamental para o sucesso deste evento que pretende mobilizar todos os interessados.

Não se preocupe somente com você mesmo. Olhe para o lado e veja o que está passando ao seu redor. Não fique de braços cruzados para tamanha injustiça, não aceite tudo com naturalidade. Veja que injustiças estão sendo cometidas. Por isso, DENUNCIE, para todos verem QUE PAÍS É ESTE.

*Leandro Pereira Gonçalves - Aluno do 5º período de História e participante na organização da XIV semana de história e geografia do CES/JF*



**Concorde Editora  
Gráfica LTDA**

**Uma Ótima Impressão**

Rua Martinho Gonçalves, 229 - Cerâmica - Juiz de Fora - Tel.: (32) 3221-6012

## BRASIL: ANOS DE LUTA POR TERRA

Desde a chegada do colonizador português, começaram as lutas contra o cativo, contra a exploração e, conseqüentemente, contra a expulsão, que marcam as lutas dos trabalhadores. Das lutas dos povos indígenas, dos escravos e dos trabalhadores livres e, desde o final do século passado, dos imigrantes, desenvolveram-se as lutas camponesas pela terra. Lutas e guerras sem fim contra a expropriação produzida continuamente no desenvolvimento do capitalismo.

A luta pela terra vem sendo desenvolvida pelos camponeses que resistem à expropriação. Em todos os períodos da nossa história, os camponeses lutaram para entrar na terra, desde as lutas messiânicas ao cangaço, desde as Ligas Camponesas ao MST. E desde as capitânicas hereditárias até os latifúndios modernos, a estrutura fundiária vem sendo mantida, mas como um modelo insustentável que sempre se impôs por meio do poder e da violência.

Muitos de nós, após ouvirmos ou vermos uma apropriação de terras por parte do MST, voltamo-nos contra o movimento, dizendo que os "coitados" dos latifundiários, que lutaram tanto para conseguirem suas terras, agora as perdem para um bando de "vagabundos que não fazem nada o dia todo e só querem saber das terras dos outros". Eu sei, e vocês saberão que não é bem assim.

No século passado, após a abolição da escravatura, os ex-senhores de escravos transformaram-se em senhores da terra, e o trabalho livre expandiu-se com a chegada do imigrante europeu. Se, por um lado, o antigo escravo passou a ser dono de sua força de trabalho, o imigrante europeu, camponês expulso de sua terra, era livre somente por possuir a sua força de trabalho. Se, para o escravo, a força de trabalho era o que conseguira, para o imigrante era o que restara. Mas, nesse contexto histórico, os escravos ficaram perdidos e deixavam as fazendas para migrarem pelas estradas, por onde encontravam terras cercadas. Quando acampavam nas fazendas, os coronéis convocavam a polícia para expulsá-los. Igualmente, os camponeses europeus continuaram neste país suas caminhadas em busca da terra, pois não agüentavam mais ser explorados pelos senhores donos da terra. Migraram por e para diferentes regiões, lutando contra o latifúndio. Muitos de seus filhos e netos ainda continuam migrando. A maioria absoluta desses trabalhadores começou a formar uma categoria, que ficaria conhecida no final do século XX como **Sem-Terra**.

E são esses mesmos Sem-Terra que, infelizmente, têm de invadir as terras devolutas para conseguirem alguma coisa, pois ainda não foi implantado um projeto de reforma agrária no Brasil, apesar do Governo Federal insistir em dizer que já implantou. Para se ter uma visão da realidade, nos últimos quatro anos, o aumento do número de assentamentos foi resultado da territorialização do MST, que em duas décadas multiplicou intensamente o número de ocupações em todo o país. A política de assentamentos do Governo Federal e de alguns Governos Estaduais é apenas uma resposta às ações dos Sem-Terra. Essa política não existiria sem as ocupações.

### Democracia Militar

Após as ocupações bem sucedidas pelo MST, é a vez do Governo agir para "indenizar" os latifundiários, ou seja, pagar a eles pelas terras devolutas, improdutivas. As propriedades em desapropriação são supervalorizadas pela perícia e pelo Judiciário, tornando as indenizações impraticáveis. E essas ações inescrupulosas são utilizadas para convencer a sociedade que o melhor para o Brasil é a mercantilização da terra, por meio da venda direta do latifúndio aos Sem-Terra. Quem sofre com isso são os cofres públicos, pois o Governo Federal, atualmente, tem um precatório de 4 bilhões para pagar aos latifundiários.

No ano de 1994, o MST estava territorializado por todas as regiões e se consolidava como uma das principais forças políticas do país. O governo FHC ampliou a política neoliberal, que vinha sendo implantada desde o governo Collor, agudizando a crise da agricultura, transformando muitos camponeses em Sem-Terra, entre outros fatores econômicos que atingiram a classe trabalhadora.

Da mesma forma, o desenvolvimento tecnológico da agricultura patronal contribuiu para o desemprego de milhões de trabalhadores assalariados. Esses problemas aumentaram a população na luta pela terra e, por conseguinte, multiplicaram os conflitos fundiários, que resultam no assassinato de trabalhadores.

Em 1995, em Rondônia, houve uma chacina de 9 Sem-Terra e dezenas de feridos e desaparecidos. Naquele ano, 500 famílias haviam ocupado uma fazenda no município de Corumbiara. Um ano depois, no dia 17 de abril, outro massacre aconteceu. No município de Eldorado dos Carajás, no Pará, centenas de famílias

Sem-Terra caminhavam por uma rodovia em direção à cidade de Belém, quando foram surpreendidas pela ação policial. Resistiram e foram massacradas. A ação violenta da Polícia Militar resultou em 19 mortes e dezenas de feridos. A caminhada tinha como objetivo pressionar o governo para que as famílias fossem assentadas.

No ano de 1999, três anos depois do massacre, os policiais foram julgados e inocentados. O que mais assusta é isso: o que pode a sociedade civil contra uma corporação armada? É como se o velho fantasma do golpe militar, que antigamente nos inibia no plano federal, agora se reproduzisse no plano privado, reiterando a vigência da lei do mais forte contra qualquer esboço de civilização.

## **MST na luta contra Falha Humana Contínua**

A rigor, só se pode exigir de um cidadão comum que ele não seja um canalha. Em tempos de barbárie, entretanto, não ser um canalha exige heroísmo. Eis a ordem que prevalece quando a PM do Pará quer inocentar-se dos crimes que cometeu. E para completar o "circo", o problema do Presidente se resume bem numa frase sua, cunhada quando os cadáveres de Carajás ainda estavam insepultos. FHC exigia punição - "ou ninguém mais vai acreditar neste país". O que significa: nossa imagem internacional estará abalada. Pois bem, está abalada. Vantagens da globalização.

Durante séculos, os movimentos camponeses tentaram romper com essa estrutura de poder, por meio da luta pela terra. Entretanto, todas as lutas ainda não foram suficientes para uma mudança iminente. Pela sua perenidade, a questão agrária nutre-se de conflitos, assumindo diferentes feições sem modificar sua essência. Portanto a persistência da questão agrária é um cerco político a um projeto camponês. A questão agrária hoje já não faz mais a pergunta: quem é contra ou a favor da reforma agrária? A sociedade em geral é favorável à sua realização. Mas como será feita a reforma agrária? O que está em questão é a fundamental participação política dos trabalhadores.

Darlan de Oliveira Lula.  
Aluno do 5º Período de Letras  
e-mail: oliveiradl@bol.com.br

## *Provão de Letras 2001*

O Provão, para os alunos do curso de Letras, acontecerá no dia 10 de junho e, em Portaria do dia 04 de janeiro de 2001, o MEC alterou o programa, incluindo, além das obras citadas abaixo, os romances *Menino do Engenho* de José Lins do Rêgo, *Aparição* de Vergílio Ferreira e a poesia de Ferreira Gullar; excluiu Cláudio Manuel da Costa e incluiu da Literatura Universal Werther de Goethe e poemas de Mallarmé:

**Literatura Brasileira:** *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antônio de Almeida; *Iracema*, de José de Alencar; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *Casa de Pensão*, de Aluísio Azevedo; *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; *Sagarana*, de Guimarães Rosa; *Jubiabá*, de Jorge Amado; *A hora da estrela*, de Clarice Lispector; *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues; *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo; *Ai de ti, Copacabana*, de Rubem Braga; e poemas dos seguintes autores: Gregório de Mattos, Tomás Antônio Gonzaga, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves, Cruz e Souza, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto.

**Na Literatura Portuguesa:** *Auto da alma*, de Gil Vicente; *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano; *Os lusíadas*, de Luís de Camões; *Os sermões*, do Pe. Antônio Vieira; *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco; *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garret; *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós; *Memorial do convento*, de José Saramago; e poemas dos seguintes autores: Cesário Verde, Manoel Maria Barbosa du Bocage, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa e Florbela Espanca.

COORDENAÇÃO DE LETRAS.

## O Brasil e a educação.

Parece uma chaga, mas a História do Brasil República, a partir de 1889, é pródiga em discursos retumbantes que procuram despertar a atenção do cidadão brasileiro quanto a temas que, supostamente, seriam importantes. Sendo assim, identificaremos no início alguns destes temas.

No limiar do regime republicano, as idéias de ordem, progresso e civilização ocuparam o imaginário das pessoas e foram amplamente disseminadas pelos governantes. O Brasil, para se tornar uma nação desenvolvida, teria que seguir a evolução pela qual os principais países europeus haviam passado. Há de se acrescentar que o modelo de civilização defendido estava ancorado ideologicamente na idéia de "embranquecimento da sociedade" ! Ou seja, para as elites republicanas do início do século, era necessário romper com o passado escravista e implantar no Brasil o modelo de civilização do branco europeu!

Avançando em direção à Era de Vargas, a partir da década de 1930, o trabalhismo e a defesa do desenvolvimento econômico nacional ganharam fôlego e tornaram-se os principais pontos do discurso nacional. Os trabalhadores (principalmente os dos centros urbanos) tiveram as suas demandas trabalhistas legitimadas pelo governo Vargas, que iniciou a política conhecida pelos historiadores como populismo.

Com o fim do Estado Novo em 1945, inicia-se o processo de democratização que foi interrompido em 1964 com o golpe militar que derrubou o presidente João Goulart. Neste contexto histórico, a busca pela afirmação de uma democracia no Brasil e também do desenvolvimento econômico nacional ganharam espaço privilegiado na agenda política nacional.

No período dos militares, a ênfase do discurso governamental recaiu sobre a idéia de modernização da economia e, conseqüentemente, na elevação do Brasil à condição de país de primeiro mundo! E, recentemente, do governo Sarney até o governo de Itamar Franco, o combate à inflação ocupou a agenda política nacional. E, no imaginário popular, a presença da inflação iria impedir o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Aliás, o discurso popular era fruto das discussões que eram travadas na imprensa e nos meios governamentais.

Hoje, em pleno segundo governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, os efeitos da globalização e o desemprego parecem ocupar a agenda política nacional. Entretanto, para o imaginário popular, o desemprego é o maior problema do Brasil de hoje, contribuindo assim para a queda dos índices de popularidade do presidente. Em resposta a isso, o Governo procura afirmar, perante o público brasileiro, que o desemprego é causado, acima de tudo, pela globalização, que é um fenômeno mundial irreversível!

Neste sentido, segundo o governo FHC, o fortalecimento da educação é o caminho que deve ser trilhado, a fim de que as desigualdades sociais possam ser diminuídas. A educação, conforme esta ótica de pensamento, deve propiciar ao brasileiro oportunidades para o ingresso no mercado de trabalho. Há de se acrescentar que a sociedade civil, como um todo, tem se preocupado em discutir a educação e os seus principais desafios. Mas, em função da relevância do tema e da sua complexidade, podemos propor a seguinte reflexão: Qual é a importância da educação para um país tão complexo como o Brasil? Não resta dúvida de que o avanço do processo de democratização no Brasil ficará também condicionado ao avanço da educação, ou seja, se os atuais índices sobre a educação não melhorarem, possivelmente a democracia vai marchar de forma lenta no Brasil ainda neste século. Mas, acreditar que a resolução dos principais problemas educacionais poderá, por si só, transformar o Brasil em um exemplo de país democrático, vai uma distância muito grande ! Neste sentido, para que os discursos sobre a educação não se tornem retóricas vazias, é necessário que pensemos os limites da educação e da escola no Brasil. Mas, como pensar os limites da educação e da escola no Brasil ? Esta é uma tarefa para todos os educadores e não para aqueles que se beneficiam politicamente com os discursos sobre a educação !

*Carlos Mário Paes Camacho - Professor e Coordenador do Curso de Estudos Sociais*



Jornal  
**ATuAção**  
Informação, vanguarda e inquietude cultural.

Quer **investir?**  
Comece com **ATuAção...**  
anuncie aqui!

## Práticas Educativas de Católicos e Metodistas

Este artigo é um estudo preliminar de um projeto de iniciação científica apresentado ao Centro de Pesquisa do CES.

O objetivo desta pesquisa histórica de cunho teórico é analisar a influência das religiões católica e protestante-metodista no contexto educacional dos colégios Academia de Comércio e Instituto Grambery.

Conforme anuncia Lucien Goldmann (1974) o pesquisador deve interpretar os dados coletados, tentando integrar, na análise dos fatos sociais, a história da teoria a respeito desses fatos, ligando a investigação dos fatos de consciência à sua localização histórica e à sua estrutura econômica e social. Nesse contexto, ao tratarmos da educação em Juiz de Fora, recorreremos a uma aproximação com o contexto histórico e social do Brasil, situando as forças propulsoras e seus personagens.

O Brasil sempre foi mantido numa determinada instância de dependência, primeiro de Portugal, depois da Inglaterra e, em seguida, dos Estados Unidos. E a educação foi um dos instrumentos que esses grupos usaram para fomentar e conservar essa dependência.

Maria Cecília de Paula (1998) compreende que toda a educação supõe a comunicação, transmissão e aquisição de conhecimentos, hábitos, valores e crenças, que constituem seu conteúdo, podendo dar-lhe o nome cultura. Segundo Fernando de Azevedo (1971) a cultura foi tributária da religião católica até o século XIX, quando se despreendeu da Igreja, sem deixar de ser cristã no seu espírito e nas suas manifestações, para unir-se à vida profissional e às instituições destinadas à preparação para as profissões liberais. Ao longo de nossa história colonial, o catolicismo influenciou a organização cultural tanto no seu conteúdo quanto em suas formas e instituições educacionais.

A partir de 1870, com o advento do Partido Republicano, houve um acirramento da oposição ao Regime Monárquico, aproveitando-se de fatores como a Independência (1822), as relações econômicas e comerciais com a Inglaterra, a abolição da escravatura, a crescente imigração e a influência da economia norte-americana. Os imigrantes norte-americanos contribuíram para a formação de uma nova mentalidade e despertaram na elite "progressista" o ideal de educação capaz de formar políticos e intelectuais que consolidaram o regime republicano.

É nesse contexto de transformações em busca

de modernidade que se inicia na região Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais) uma oligarquia dominante composta por proprietários rurais, militares e empresários, que dirigiam os setores financeiros e a indústria nascente.

Segundo Peri Mesquida (1994) esta pequena "elite regional, maçônica, positivista e anticlerical" acreditava que o modelo de educação vigente não atendia ao novo momento que se apresentava no Brasil. Assim, apoiou e fomentou a entrada do protestantismo, especialmente do metodismo norte-americano, na educação brasileira. Juiz de Fora foi um dos lugares escolhidos para a atuação dos missionários metodistas por sua representação social como principal centro econômico e cultural de Minas Gerais. Em setembro de 1889 é fundado na cidade o Juiz de Fora High School and Seminary, o atual Instituto Grambery, trazendo uma proposta pedagógica diferenciada da educação desenvolvida no Brasil. Segundo Jether P. Ramalho (1976) havia pouco aprofundamento das matérias, falta de formação profissional dos professores e rejeição à escola mista devido a tradição católica.

Com a República e a separação entre Igreja e Estado, a Constituição de 1891 instituiu o ensino leigo nas escolas públicas. Conforme Rioldo Azzi (1999) a instituição católica, ao sentir a perda de sua hegemonia no âmbito da sociedade, reagiu contrapondo colégios católicos à presença das escolas protestantes.

Em 1891, surge a Academia de Comércio. Fundada pelo comerciante Francisco Baptista de Oliveira, é doada em 1901 aos padres da Congregação do Verbo Divino. O colégio foi o principal estabelecimento, por excelência, de formação da elite católica mineira. A educação, enquanto princípio básico para formação integral do ser humano, foi uma das prioridades da Congregação desde sua formação.

No início do século XX, o ensino ministrado na Academia e no Grambery era de excelente qualidade, em parte como consequência da disputa entre católicos e metodistas pelo espaço de influências sobre a sociedade Juiz-Forana.

Ao situar este estudo no âmbito educacional, faz-se importante ratificar que qualquer que seja a crença religiosa e a prática educativa adotada, estas pressupõem uma concepção de homem, educação e sociedade. E toda concepção de mundo que se transforma em movimento cultural é responsável pela coesão do bloco social.

Essas duas instituições religiosas, que trazem em suas constituições uma história cultural e concepções de mundo, marcaram a história da educação brasileira.

*Tânia C. V. Ferreira, 6º período de História,  
Marcos Suel Zanette, professor orientador do projeto.*

### Expediente:

Coordenação: Aristóteles Franco  
Francisco Caetano

Relações Públicas e Publicidade: Michele Zimbrão  
Jornalista Responsável: Hélder G. Freitas - FENAJ 4224/18/20v

Revisão: Darlan Lula

Arte: Aristóteles Franco

Impressão: Concorde Editora Gráfica Ltda

Tiragem: 1.000 Exemplares

O Jornal AtuAção é uma publicação dos graduandos do CES/JF. O conteúdo dos artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

### Redação:

E-mail: [jornal.atuacao@bol.com.br](mailto:jornal.atuacao@bol.com.br)  
Telefone: (32) 9103-3472

**Delá**  
FOTOGRAFIA



Rua Mister Moore, 194  
Centro - Juiz de Fora - MG  
Tel.: (32) 3216-3604

## Linguagem & Comunicação

Embora a Linguagem possa se fazer através das funções clássicas, ou seja, a referencial (ou denotativa), a conotativa, emotiva ou poética, a sua função essencial e final é realizar a comunicação.

Não existe interatividade humana sem o processo de comunicação. Não existe comunidade sem comunicação. Será sempre necessário que seus integrantes levem a outros conteúdos de consciência formados no seu interior e que esses outros também os tornem seus, participando todos de uma realidade que é de um e de todos, e de realização geral.

O homem, como ser social, sente necessidade de exteriorizar esses conteúdos e de fazer com que outros participem de sua realidade interna. Sem a linguagem, os homens teriam pouco em comum, de modo a originar uma sociedade e a evoluir com seu grau de civilidade. A comunicabilidade que a linguagem humana é capaz permite não só a promoção e o funcionamento desse sistema de sinais sociais externos na forma material, mas, também, no seu valor significativo, cognitivo, dos grupos e comunidades. O nível de comunicabilidade é, portanto, instrumento que vai determinar a complexibilidade do corpo social ou da comunidade, assim como a forma de congregação de seus membros. Pode-se dizer que nada existe que não possa ser expresso ou comunicado em qualquer língua, exceção feita quando na experiência das pessoas nada corresponda à realidade que se quer comunicar. Na realidade, porém, somente podemos transmitir os aspectos mais comuns ou análogos da experiência individual. Os signos lingüísticos, por exemplo, significam algo que não eles mesmos. E têm significação, por pacto ou convenção, a partir da comunicação que lhe confere energia de vida e transformação.

A palavra "rosa" se refere a uma determinada espécie de flor, mas, dentro da espécie, existe uma variedade enorme dessa flor. A cor, o tamanho, o número de pétalas, a textura, etc. não são especificados quando nos referimos a essa flor. A linguagem humana, em si, não é o melhor veículo para a expressão de um fato particular. As experiências humanas são por demais complexas, sempre particulares, singulares e individuais. O signo lingüístico põe de lado o aspecto particular e individual e transporta o que é comum e geral na experiência. Torna-se, portanto, necessária em certas situações, a necessidade de recorrer à realidade extralingüística para obter-se elementos concretos para uma melhor compreensão e perspectiva da situação. Surgiram, assim, desta necessidade, os mostruários, as vitrines, a comunicação visual etc.

O falante ou o comunicador, por mais que se esforce para transmitir o seu pensamento ao maior número de pessoas utilizando sons e imagens, nunca terá a garantia de que a mensagem tenha chegado de maneira unificada.

Tal qual a verdade em tema busca, a linguagem e a comunicação se fazem como valiosos recursos na vida humana a se desenvolverem e aprimorarem através dos tempos com o grau de sensibilidade e cultura de cada comunidade, de cada povo ou civilização.

Hélder Garcia de Freitas – Colaborador  
e-mail: hfreitas@terra.com.br

## Geografia e Cidadania

É necessário e imprescindível buscarmos uma maior relação e afinidade entre a ciência geográfica e a formação do cidadão. Porém, não é tarefa fácil, pois o conceito de cidadania

pode variar na medida em que a interpretação do homem sobre a realidade em que vive também varia; as influências históricas e sociais fazem-se representar cada vez mais, além da ação do grupo e do grau de interpretação dos fatos que o indivíduo acompanha na sociedade. Nesse ponto, há uma visão crítica sobre o que a mídia pode representar com temas de formação do cidadão. Segundo Milton Santos (1984):

*"Uma ciência digna desse nome deve preocupar-se com o futuro. Uma ciência do homem deve cuidar do futuro não como um mero exercício acadêmico, mas para dominá-lo. Ela deve tentar dominar o futuro para o homem, isto é, para todos homens e não só para um pequeno número deles. Se o homem não for, também, um projeto, retorna ao homem animal que era quando, para se assegurar a reprodução de sua própria existência, não comandava as forças naturais."* (Milton Santos, 1984-213)

Agora que a natureza modificada pelo trabalho humano é cada vez menos amiga e cada vez mais hostil, cabem aos que a estuda, uma vigilância redobrada. E a Geografia, tantas vezes a serviço da dominação, tem de ser, urgentemente, reformulada para ser o que sempre quis ser: ciência do homem. A razão para qualquer ciência existir, nos dias atuais, deve ser a melhoria das condições de vida dos seres humanos. Lutar por isso é buscar direitos perdidos no tempo, é ensinar o que muitas vezes não é o convencional, é aceitar as diferenças e lutar, com todas as forças, por uma sociedade mais humana e mais justa. O homem se completa na busca pela alteridade, pela igualdade e contra as injustiças.

## A Formação do Cidadão

Como o geógrafo poderá interferir na formação do cidadão para esse mundo injusto e globalizado? É isso que buscamos mostrar. O papel do geógrafo será fundamental, na medida em que ele consiga mostrar a realidade ao seu aluno ou a qualquer outro cidadão. Quando dizemos "realidade", referimo-nos à verdades nem sempre ao alcance de todas as pessoas, pois precisamos aprender a ler as "entrelinhas dos fatos" é isso, por vezes, não tem sido possível.

A escola é o lugar propício para que as mudanças aconteçam. Para isso, é importante formar cidadãos preparados, é fundamental multiplicar, através dos jovens, o discurso social. A mídia precisa ser levada para a sala de aula, para os bares, para as associações, para as residências, não como algo destrutivo ou como uma maravilha do mundo, mas como uma ponte de ligação entre os fatos e o cidadão. Temos que mostrar a diferença entre ler e interpretar; e ler e repetir o que se leu.

Não podemos permitir que as pessoas continuem sendo usadas como objetivos de defesa e reprodução da classe dominante. Isso é buscar formar cidadãos e não apenas repetir teorias acadêmicas fora da realidade e a serviço da minoria detentora do poder.

Parafraseando Thiago de Melo: Rasguem códigos! Queimem manuais! Destruam todas as ligações e constituições, para que a ética e a cidadania não sejam palavras perdidas no Pântano das bocas ou algo escrito, mas uma coisa viva, ensopando a vida e o carinhoso cotidiano das ações. Então, a cidadania, a educação e a formação libertadora não serão mais um projeto, mas uma realidade, aumentando nossa alegria, temperando nosso compromisso com a libertação da pessoa toda e de todos os homens e mulheres, de todos os cidadãos.

Danilo Marcos Teixeira – Professor do curso de Estudos Sociais e-mail: danilott@uol.com.br



# Centro de Ensino Superior - JF